



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6644 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

OS GÊNEROS TEXTUAIS E A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO CONTEXTO HOSPITALAR

Katiúscia Pereira da Silva Anjos - UESC - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Carla Conceição do Vale Silva - UESC - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Viviane Briccia do Nascimento - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

OS GENÊROS TEXTUAIS E A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO CONTEXTO HOSPITALAR

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um estudo de cunho bibliográfico e tem como objetivo discutir a importância da alfabetização científica e do trabalho que podemos realizar por meio dos diversos gêneros textuais no atendimento educacional especializado em contexto hospitalar. A interação propiciada pelos textos pode ser associada às propostas de alfabetização científica, onde os diferentes gêneros textuais orais e escritos sejam utilizados como potencializadores na construção de conhecimentos.

O atendimento educacional em ambiente hospitalar é uma modalidade da educação especial que tem como objetivo garantir a continuidade do processo de escolarização das crianças e adolescentes hospitalizadas por meio de um currículo flexível, contribuindo para a sua posterior reintegração escolar (BRASIL, 2001). Nesse sentido, aprender ciências no hospital tem o mesmo propósito e objetivos da educação científica no ambiente escolar, sendo alguns deles: formar cidadãos capazes de estabelecer relações dos conhecimentos científicos com os acontecimentos cotidianos, sendo capazes de compreender, opinar e tomar decisões fundamentadas, quando necessário.

Pensar em um ensino de ciências que vise à alfabetização científica associando-o à produção escrita a partir do gênero textual oral ou escrito é atribuir sentido aos conceitos científicos que os educandos constroem. No que se refere ao atendimento educacional em ambiente hospitalar, é necessário destacar que o espaço e tempo educacional nesse ambiente são diferentes da escola e requer estratégias didáticas adequadas para o ensino nesse contexto. Esperamos que esse estudo colabore para a reflexão sobre a alfabetização científica no

atendimento educacional em ambiente hospitalar, considerando os gêneros textuais que foram forjados social e historicamente a partir do uso de diversos textos que circulam socialmente e que se configuram como propostas relevantes que possibilitam a reflexão e construção de conhecimento. Assim, o presente trabalho apresenta um diálogo teórico e crítico, trazendo reflexões acerca do atendimento educacional no contexto hospitalar e suas bases legais no primeiro subtítulo e no segundo subtítulo Gêneros textuais e alfabetização científica.

2 ATENDIMENTO EDUCACIONAL NO CONTEXTO HOSPITALAR

A educação é um direito constitucional garantido aos estudantes da educação básica, independente de condição social ou de saúde. Cabe aos sistemas de educação se organizarem para garantir esse direito. Nesse sentido, mesmo em condição de internação hospitalar os educandos têm o direito de dar continuidade ao seu processo de escolarização.

O direito ao atendimento educacional no contexto hospitalar é retificado em vários documentos que tratam da educação inclusiva, dentre eles podemos citar a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, que no artigo 13 indica a necessidade da ação integrada entre os sistemas de ensino e saúde, por meio de classes hospitalares, na tentativa de garantir a continuidade do processo de desenvolvimento e aprendizagem dos educandos hospitalizados; a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); o art. 6º da Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009, que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação, dentre outros. Mais recentemente, foi publicada a Lei nº 13.716, de 24 de dezembro de 2018, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a qual no seu art. 4 – A preconiza que

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa.

Assim, podemos pensar a educação para além do espaço escolar num movimento que requer um esforço conjunto, que, no caso do atendimento educacional no contexto hospitalar, envolve os sistemas de educação e saúde. Pode-se inferir que esse espaço educacional é contemporâneo e colabora para que o vínculo da aprendizagem não seja interrompido. Nessa perspectiva, Vasconcelos (2015, p.31) afirma que:

A finalidade da classe hospitalar é dar ao paciente as condições de sentir-se inserido no mundo dos não-doentes, mostrando-lhe que não perdeu suas capacidades intelectuais, por meio de atividades que acionam suas habilidades. Isso pode garantir-lhe uma valorização dos conhecimentos prévios, enquanto reduz a evasão escolar e a exclusão social.

Essa modalidade educacional requer estratégias de ensino diferenciadas que contemplem as necessidades particulares de cada educando e considere a rotina hospitalar, a qual deve adaptar o seu trabalho, pois “a rotina diária de trabalho inicia-se com o reconhecimento do ambiente, avalia-se a clientela, suas condições físicas e emocionais” (CASTRO, 2009, p. 39).

O trabalho pedagógico no espaço hospitalar é muito diferente de uma sala de aula por conta das características peculiares desse atendimento educacional. Essa diferença está presente desde a definição do conteúdo até o desenvolvimento das atividades, que podem acontecer de forma coletiva em espaço apropriado dentro do hospital ou no leito do educando se a sua condição física não permitir o seu deslocamento; por esses e outros fatores, o

planejamento pedagógico difere do realizado nas escolas. Isso exige do educador a reflexão constante sobre o seu papel enquanto mediador do processo de aprendizagem dos alunos hospitalizados.

Nesse contexto, uma proposta de trabalho pedagógico com gêneros textuais que vise à alfabetização científica é bastante pertinente, uma vez que é uma perspectiva de ensino que desperta o interesse dos educandos, levando-os a participar e interagir nas atividades propostas. Conforme afirma Mattos (2010, p. 51):

A construção da prática pedagógica, para atuação em ambiente hospitalar, não pode esbarrar nas fronteiras do tradicional. As dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se consegue ver nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois os valores e as percepções de condutas e ações estão ainda muito enraizados nas formações reducionistas. Essa prática, portanto, deve transpor as barreiras do tradicional e as dificuldades da visão cartesiana. A ação pedagógica, em ambiente e condições diferenciadas, como é o hospital, representa um universo de possibilidades para o desenvolvimento e ampliação da habilidade do pedagogo/educador.

Nesse sentido, a educação no contexto hospitalar requer a criação de novas estratégias de ensino que despertem o interesse dos educandos e ampliem suas possibilidades de aprendizagem, de modo a contribuir com o seu retorno à rotina escolar pós-alta. Além disso, o professor precisa ter um olhar sensível para perceber os aspectos cognitivos, psicológicos e sociais deste sujeito que está com a saúde fragilizada. As ações educacionais nesse espaço precisam considerar o sujeito na sua integralidade e especificidades.

O ensino que tem o intuito de promover a alfabetização científica e que aborde os gêneros textuais pode favorecer o aprimoramento dos conhecimentos prévios dos educandos, criando condições para a aquisição de conceitos científicos, levando-os a pensar, refletir sobre eles, sua aplicação e possíveis contribuições e/ou consequências na vida da sociedade.

3 GÊNEROS TEXTUAIS E ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

As discussões em torno da alfabetização científica se intensificam cada vez mais, dada a necessidade de tornar o ensino de ciências significativo para os alunos, independentemente do contexto em que eles se achem inseridos. Segundo Sasseron (2015, p. 56):

A alfabetização científica deve estar sempre em construção, englobando novos conhecimentos pela análise e em decorrência de novas situações; de mesmo modo, são essas situações e esses novos conhecimentos que impactam os processos de construção de entendimento e de tomada de decisões e posicionamentos e que evidenciam as relações entre as ciências, a sociedade e as distintas áreas do conhecimento, ampliando os âmbitos e as perspectivas associadas à alfabetização científica.

Nesse sentido, é pertinente pensar em alfabetização científica associada aos gêneros textuais, ampliando as perspectivas relacionadas ao ensino de ciências, utilizando os diversos textos que circulam socialmente como propostas viáveis de reflexão e construção de conhecimento. A importância do ensino a partir dos gêneros textuais já ocasionou estudos (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004; DOLZ, GAGNON & DECÂNDIO 2010) comprovando a necessidade de se pensar em propostas que viabilizem um trabalho com diferentes textos, entendendo o próprio conceito de gênero como uma construção social e também histórica. Segundo Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 40):

[...] um gênero é um pré-construto histórico, resultante de uma prática e de uma formação social. A aprendizagem da língua oral e escrita se faz pela confrontação com um universo de textos que já nos são “dados de antemão”. É uma apropriação de experiências acumuladas pela sociedade.

Toda a dinamicidade do ensino a partir do gênero textual vai ao encontro da alfabetização científica e também do termo *scientific literacy* analisado por Teixeira (2013) e traduzido no Brasil por alfabetização científica ou letramento científico. O autor argumenta que a expressão *scientific literacy* “estabelece vínculos entre ciência, leitura e escrita, colocando as três em um mesmo patamar de imprescindibilidade”. (TEIXEIRA, 2013, p. 801). Dessa forma, alfabetizar-se cientificamente possibilita ao sujeito apropriar-se dos conhecimentos científicos por meio da leitura e escrita apresentada pelos diversos gêneros.

Assim, fica evidenciada a importância de propostas de ensino com os gêneros textuais no âmbito da alfabetização científica, que podem acontecer tanto no contexto escolar como no atendimento educacional hospitalar, espaço que também se configura propício para discussões, reflexões e produções textuais escritas e orais, que abordem temas relativos às várias áreas da ciência.

Vale ressaltar, que o objetivo das propostas voltadas tanto para a alfabetização científica quanto para o uso dos gêneros textuais no ambiente educacional hospitalar devem ser os mesmos da escola, respeitando-se as devidas particularidades e intercorrências próprias da situação dos educandos e da estrutura hospitalar para esse atendimento.

Diante disso, podemos tirar proveito tanto dos acontecimentos históricos e sociais que afetam o mundo, como de fatos ou situações do dia-a-dia que podem ser refletidos e analisados mediante os conceitos científicos que a eles se relacionam, numa tentativa de compreender a realidade que nos circunda e conferir sentido e relevância à ciência.

Toda essa articulação caracteriza-se como prerrogativa para a alfabetização científica e mantém estreita relação com a interação social oportunizada pelos gêneros textuais que, como nos indicam Köche, Boff & Marinello (2014, p. 11):

Na vida diária, a interação social ocorre por meio de gêneros textuais específicos que o usuário utiliza, disponíveis num acervo de textos constituído ao longo da história pela prática social. [...] a escolha do gênero depende da intenção do sujeito e da situação sociocomunicativa em que está inserido: quem ele é, para quem escreve, com que finalidade e em que contexto histórico ocorre a comunicação.

Nesse contexto, pensar nas questões relacionadas à alfabetização científica é adentrar nos gêneros textuais que também foram forjados social e historicamente. É pensar na notícia, no relato de experiência, no conto, na reportagem, na entrevista, na bula de remédio, na carta pessoal, no diário, no romance, no *email*, no *chat*, na aula expositiva, no cardápio, no resumo e em uma infinidade de gêneros pertencentes às esferas orais e escritas que circulam socialmente e que fazem parte do contexto dos nossos educandos, estando eles em uma escola ou em um hospital.

A interação proporcionada pelos textos pode ser explorada dinamicamente em propostas de alfabetização científica, onde os diversos gêneros textuais orais e escritos sejam utilizados como potencializadores na construção de conhecimentos relevantes para os educandos. E é esse sentido de relevância que deve nortear as propostas de alfabetização científica. De acordo com Souza e Almeida (2005, p. 367):

Nas aulas de ciências, é comum observarmos estudantes escrevendo o que o professor dita ou anotando o que ele escreve no quadro. Outras vezes, a escrita consiste no fornecimento de respostas a questionários que exigem a reprodução de um texto base ou o preenchimento de lacunas em exercícios propostos para “reforçar” o conteúdo.

A perspectiva apresentada revela um ensino pautado em um modelo de escrita

direcionado pelo professor e alicerçado em perguntas e respostas, os conhecidos questionários, sem margem para a produção escrita pautada nos gêneros textuais. Ou sem a possibilidade de os educandos expressarem os conhecimentos apreendidos por meio de uma escrita que lhes pareça mais interessante, uma vez que “leitura e escrita devem ser algo que a criança necessite, e essa necessidade deve ter um sentido de relevância para a sua vida” (SOUZA e ALMEIDA, 2005, p. 369). Relevância que pode ser também suscitada pelos gêneros da esfera oral, uma vez que o relato de experiência, um debate, um seminário ou uma entrevista também devem ser considerados, por oportunizarem reflexões, conhecimentos e também fazerem parte da cultura científica.

Dessa forma, podemos perceber a importância das propostas de ensino que articulem a alfabetização científica ao uso dos textos pertencentes aos diferentes gêneros textuais, efetivando nas práticas educativas o sentido de relevância e gêneros textuais, efetivando nas práticas educativas o sentido de relevância e necessidade para os conhecimentos e conceitos científicos que os constroem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensar em um ensino significativo, que articule a alfabetização científica e a utilização dos gêneros textuais, é necessário buscar alternativas que deem conta das modalidades de ensino que acontecem dentro ou fora do âmbito escolar. No caso do atendimento educacional hospitalar, implica pensar em uma educação legalmente respaldada, que contemple educandos com direitos, limitações e grandes potencialidades.

É de fato imprescindível, tanto para alfabetização científica, pautada por conceitos e conhecimentos acerca da ciência em sua relação com o mundo, quanto para o uso dos gêneros textuais enquanto construções sociais e históricas, que o sentido de relevância e necessidade seja o condutor das suas propostas, levando em consideração os educandos, seus anseios, seus conhecimentos e toda a complexidade contextual que os envolvem.

A alfabetização científica pressupõe o estabelecimento de relações entre conceitos e desses com fenômenos da vida diária, a reflexão sobre notícias veiculadas na mídia, o repensar histórico de determinados acontecimentos, fatos ou descobertas científicas e de como todas essas questões estão imbricadas e reverberam até hoje, conferindo à ciência um caráter histórico e dinâmico.

Nesse contexto, a leitura e a escrita desempenham papéis fundamentais, conferindo sentido à ciência, por meio de reflexões e propostas materializadas pelos gêneros textuais orais e escritos, que podem e devem ser a expressão de conhecimentos, análises, vivências, sentimentos e descobertas dos educandos nas mais diversas situações de aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização Científica; Gêneros textuais; Atendimento Educacional no contexto Hospitalar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 17/2001**, aprovado em 3 de julho de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-

[2018/2018/Lei/L13716.htm](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf). Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n. 4**, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 10 jul. 2020.

CASTRO, Marleisa Zanella de. Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas. *In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (Org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar***. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DOLZ, Joaquim; SHENEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.

DOLZ, Joaquim, GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros orais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MATOS, Elizete L. M. **A hospitalização escolarizada e a formação do professor para atuar em contexto hospitalar**. *In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao Sareh. Curitiba: SeedPR., 2010. – 140 p. - (Cadernos temáticos).*

SASSERON, Lúcia Helena. **Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola**. *Revista Ensaio*, Belo Horizonte, v.17, n. especial, p. 49-67, 2015.

SOUZA, Suzane Cassiane; ALMEIDA, Maria José Pereira Monteiro. Escrita no ensino de ciências: autores do ensino fundamental. *Revista Ciência & Educação*, Bauru, v. 11, n. 3, p. 367-382, 2005.

TEIXEIRA, Francimar Martins. **Alfabetização científica: questões para reflexão**. *Revista Ciência & Educação*, Bauru, v. 19, n. 4, p. 795-809, 2013.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. Histórias de formação de professores para a classe hospitalar. *In: Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 27-40, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecialhttp://dx.doi.org/10.5902/1984686X9118>. Acesso em: 29 nov. 2019.

